

DALCÍDIO JURANDIR E A CULTURA CABOCLA PARAENSE: UMA LEITURA A PARTIR DE WALTER BENJAMIN

LIRA, Osileide de Jesus / USF – Universidade São Francisco (maestranda) - leidelirio@hotmail.com

SILVA, Luzia Batista de Oliveira / USF – Universidade São Francisco (orientadora) - lubaos@gmail.com

» *Palavras chaves: Dalcídio Jurandir, cultura cabocla paraense, Walter Benjamin.*

› **Resumo**

Esse trabalho discute a estética Cultura Cabocla paraense e seu contexto sociocultural presente nas obras do romancista paraense Dalcídio Jurandir, autor da coletânea de romances composta por dez obras denominada “ciclo do extremo norte”, onde se utiliza das narrativas em formato de romance para documentar a realidade sociocultural vivenciada pelo caboclo paraense, denúncia na intenção de tomada de consciência da realidade dos cidadãos. Para esta discussão, partimos do entrecruzamento de algumas considerações sobre o cenário sociohistórico, cultural, estética e o processo de emancipação e autonomia humana a partir de uma perspectiva benjaminiana. Na tentativa de contextualizar e descrever a cultura cabocla paraense em seus principais aspectos e manifestações, enquanto elementos de produção histórico-cultural, em especial a música enquanto instrumento de transmissão oral dessa cultura e elemento de experiências formativas.

› **Apresentação**

Dalcídio Jurandir é um poeta-escritor amazônida que viveu e escreveu intensamente sobre a Amazônia paraense em muitas vertentes. Autor que nos contemplou com sua narrativa romanesca semirrealista para denunciar a realidade vivida pelo caboclo amazônida paraense. No período que compreende as décadas de 1930 a 1970 o escritor escreveu uma série de romances intitulados *Ciclo do extremo norte*, nos quais de forma peculiar, intrigante e instigante prende a atenção do leitor ao narrar às histórias cotidianas de pessoas que vivem uma realidade, da qual ele conhece

intimamente. Escreve por isso, embasado num cenário que ele viveu e conheceu de perto. Esse traço da escrita de Dalcídio, o marca como um autor capaz de escrever um romance para denunciar uma realidade que ele sabe ser injusta e opressora, mas que ao mesmo tempo é legitimada pela imposição cultural da elite local e pela ignorância e subserviência do caboclo paraense.

› *O relato dos acontecimentos*

Ele traz em seu texto elementos que denunciam a religiosidade representada por instituições e símbolos católicos, como legitimadores dessa ordem arbitrária burguesa em que a população é comparada ao gado do patrão, e suas vidas assim como a vida do gado pertencem ao dono das terras. Em nossas leituras entendemos que este é um dos principais objetivos das denúncias de Dalcídio. E dentro dessa denúncia, seguem todas as outras que nos mobilizam, nos atravessam e nos deslocam.

Cada leitor tem uma percepção e sente-se incomodado ou tocado por sua obra, num grau variável, podendo enxergar pouco, muito ou simplesmente enxergar diferente. Mas não é possível ler Jurandir sem sentir a intensidade de suas denúncias em seus romances, imbricados e carregados de personagens com nomes aristocráticos, nomes comuns ou nomes populares e folclóricos. Faz-nos refletir ao apontar a submissão da mulher cabocla marajoara. Em seus romances, descreve as caboclas como mulheres belas, de corpos esculturais, contudo sem maiores ambições e projetos futuros de emancipação. Fica evidente em seus romances que a grande beleza das caboclas torna-se uma verdadeira maldição como evidenciado nas personagens das caboclas Ormindá, Guita e Alaíde. Todas elas vivem tormentos comuns e são tratadas como objetos de uso e descarte certo, uma simples aquisição dos senhores das terras do Marajó.

Mostra o autor o poderio dos coronéis que orquestram e tocam adiante leis rigorosas sobre os mais fracos, os frágeis proprietários que perdem o pouco que têm suas pequenas propriedades para sustento da família, o roubo de terras aliado às ações de corrupção, são exercidos pelos poderosos coronéis Coutinho e seu filho Missunga, ancorados e amparados na lei do mais forte, do que pode mandar sem se envergonhar do que faz, contam com o apoio do não menos corrupto tabelião Lafaiete, que tenta a todo custo se fazer de vítima dos problemas sociais e da saúde fragilizada de entes queridos de sua família. A ousadia dos proprietários de terra não têm limites, por isso, proíbem a pesca e a caça a fim de manter o controle dos explorados, dos subjugados aos ditames

dos que mandam, por isso, a fome é também um instrumento de dominação dos exploradores, assim, sem poder caçar ou pescar que farão os pequenos proprietários, os caboclos residentes naquela região? Certamente, a fome os fará entrar facilmente no jogo diabólico dos coronéis, aceitarão sem lutar o trabalho precário sob as condições degradantes e humilhantes oferecidas pelos fazendeiros do Marajó. Caboclos que sob o jugo dos poderosos caem na descrença própria, pois não se veem mais como pessoas que podem lutar por seus desejos, suas vontades, seu trabalho e suas terras, já não sonham com sua própria luta com a terra e o que de bom ela pode lhes ofertar. Em seus romances mesmo diante de tantas denúncias, o autor cria uma narrativa com pés fincados na realidade sem perder a sensibilidade, aponta fatos transcorridos ao longo de sua própria vida, recorre-se das memórias de sua infância e das memórias do coletivo, a fim de rememorar o passado.

Dalcídio aproxima-se de Benjamin ao denunciar e criticar as loucuras capitalistas de seu tempo, com sobriedade estética e realismo, faz afirmações numa linguagem singular e ao mesmo tempo elaborada, apontando para uma mesma direção, a histórias dos vencidos sociais. Dois autores que viveram a emergência de seu tempo. Benjamin escreveu sob o cenário de duas guerras mundiais, vendo ascender o fascismo alemão, enquanto Dalcídio viveu sob dois regimes totalitários no Brasil, o da era Vargas e o da ditadura militar de 1964. Ambos se posicionaram e denunciaram as barbáries praticadas com os seres humanos e as mazelas sofridas pelo povo. Mesmo com o uso de estratégias diferentes para alertar as pessoas sobre as tristes condições de exploração capitalista, eles não desistiram de discutir sobre a vida, a cultura e a valorização do mais simples cidadão. Benjamin explorou todos os recursos que lhe foram disponibilizados no período em que viveu, por isso, registrou, descreveu e narrou mediante os artigos e ensaios escritos publicados; Dalcídio, um homem letrado, de trajetória sofrida buscou atingir o âmago das pessoas, escolheu fazer suas denúncias através de um estilo de romance, o semirrealista.

› ***Atividades relacionadas com o gênero da arte.***

Dalcídio utilizou-se da narrativa de seus romances para denunciar uma realidade, a qual ele conheceu e viveu intensamente, intimamente. Em seu romance “*O Marajó*”, os personagens são densos, complexos e inspirados em personagens do cotidiano, de suas vivências ou das memórias relatadas pelas pessoas, no coletivo social, o que torna sua

obra autêntica e atual, pois muitas das questões suscitadas pelo autor, como a exploração e a tomada das terras continuam sendo uma conquista lenta dos cidadãos paarenses.

Suas obras trazem uma grande riqueza de detalhes da etnografia e da cultura do Pará. Suas habilidades de jornalista e escritor engajado politicamente e culturalmente o fizeram enxergar e retratar com perspicácia o momento socio-histórico que o país atravessava no momento da produção de seus romances, suas obras.

Sua primeira obra “*O Marajó*”, trás em suas páginas os reflexos para a Amazônia do fim da primeira guerra mundial e com ela o fim do ciclo da borracha, tendo como consequência a depressão econômica. Nessa obra, está presente a **aura** no sentido benjaminiano, (BENJAMIN, 1995) porque Dalcídio corporifica o momento histórico, representado pela escassez de alimentos, descrição da fome das crianças e mulheres da *colônia felicidade*, a desesperança, o declínio do sonho de construção de uma nova realidade, o que se assemelha ao estilo das narrativas descritas nos ensaios de Benjamin.

› *Para concluir*

Cada autor utiliza-se de um estilo de narrativa, enquanto Benjamin escreve ensaios, Dalcídio escreve romance e poesias, porém ambos denunciam a realidade social e histórica na qual estavam inseridos, descrevendo e valorizando a questão social e cultural de cada povo. Fazendo uso das narrativas para documentar a realidade sociocultural e denunciar a exploração e a opressão dos mais poderosos sobre os menos favorecidos. Além do alerta ao homem humilde sobre o seu valor, chama a atenção deste sobre a importância da cultura em que ele está inserido.

Independente da época vivida de cada autor, região, contexto cultural, ou social, enfatizamos aqui a importância de homens sensíveis, letrados e preocupados com seu povo em alertar, despertar o interesse pela cultura, política e educação utilizando-se de estratégias que julgam serem as melhores para formar e despertar o valor de cada pessoa, de cada povo e lugar.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**. Trad. Paulo Sergio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BOLLE, Willi . **Entre o ginásio e a escola da rua: uma oficina teatral com 'Primeira Manhã' e 'Ponte do Galo', de Dalcídio Jurandir**. Asas da Palavra (UNAMA), v. 13, p. 228-247, 2012.
- BOLLE, Willi . **A escrita da história de Marajó, em Dalcídio Jurandir**. Novos Cadernos NAEA, v. 14, p. 43-78, 2011.
- JURANDIR, Dalcídio. **Romance Marajó**. Pará: CEJUP, 1992.
- ROSÁRIO, Ubiratan do. **O Fim do mundo no Marajó: o universo local. Estudo do Romance Marajó de Dalcídio Jurandir como projeção etnográfica da cultura local em Ponta de Pedras, Marajó**. Asas da Palavra (UNAMA), v. 13, p. 228-247, 2010 – 2011.